

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ECOTURISMO**

**ECOS NO CERRADO**

**Aluna: Olga Eurípedes França**

**Orientador: Prof. Doutor Manoel Cláudio da Silva Júnior**

**Monografia apresentada ao  
Centro de Excelência em Turismo  
da Universidade de Brasília como  
requisito parcial para obtenção do  
certificado de Especialista em  
Ecoturismo.**

**Brasília, DF, maio de 2003**

França, Olga Eurípedes

**ECOS no Cerrado** / Olga Eurípedes França.

57p.

Monografia (Especialização em Ecoturismo) - Universidade de Brasília,  
Centro de Excelência em Turismo, 2003

Orientador: Manoel Cláudio da Silva Júnior

1. Ecovilas. 2. Ecoturismo. 3. Ecologia. 4. Cerrado

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ECOTURISMO**

**ECOS NO CERRADO**

**Aluna: Olga Eurípedes França**

**Orientador: Prof. Doutor Manoel Cláudio da Silva Júnior**

**Brasília, DF, maio de 2003**

## Resumo

O estudo mostra que num espaço onde as práticas alternativas acontecem - nas ECOvilas – o ECOturismo e a ECONomia ECOlógica e solidária se tornam ECOS em defesa do Planeta. Considerando a situação em que se encontra o cerrado e a necessidade de alternativas sustentáveis para proteger esse bioma, o trabalho propõe a criação de uma ecovila-laboratório no âmbito do Distrito Federal. A proposta indica a Fazenda Água Limpa, de propriedade da Universidade de Brasília, para a criação da **ECOS no Cerrado**. Com missão educativa, essa ecovila visa incrementar o ecoturismo do Distrito Federal enquanto dissemina a cultura da sustentabilidade em favor do cerrado.

Palavras-chave: 1. Ecovilas. 2. Ecoturismo. 3. Ecologia. 4. Cerrado

## Sumário

1 – INTRODUÇÃO .....	01
1.2 – Justificativa .....	05
2 - REVISÃO DE LITERATURA .....	07
2.1 - Tendências Sociais Contemporâneas Condicionantes do Turismo .....	07
2.2 – Ecoturismo .....	09
2.3 – Ecologia .....	11
2.4 – Ecovilas .....	15
2.5 - A situação do cerrado .....	20
3 - MATERIAIS E MÉTODOS .....	23
3.1 - A área de estudo: Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado.....	23
3.2 - O estudo .....	25
4 – RESULTADOS .....	28
4.1 - Condicionantes do fenômeno turístico .....	28
4.2 - Antagonismos do ecoturismo .....	29
4.3 - Ecovilas e os novos paradigmas .....	30
4.4 - O cerrado no Distrito Federal .....	33
5 – DISCUSSÃO .....	35
5.1 - Ecologia e crescimento econômico .....	35
5.2 - Economia ecológica e solidária .....	36
5.3 - Os ECOS no Cerrado .....	37
5.4 - Ecoturismo no Distrito .....	39
6 – PROPOSTAS .....	41
6.1 - A ecovila ECOS no Cerrado .....	41
6.2 - O local - Fazenda Água Limpa (FAL – UnB) .....	42
6.3 – Recomendações .....	47
6.3.1 - Para a elaboração do projeto .....	48
6.3.2 - Para determinação dos espaços da ECOS .....	49
6.3.3 - Para compor o foco da ecovila .....	49
6.3.4 - Para o programa de treinamento .....	50
6.3.5 - Para compor as atividades da ECOS no Cerrado .....	51
7 – CONCLUSÕES .....	53
BIBLIOGRAFIA .....	56

## 1- INTRODUÇÃO

Depois que a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente propôs que o desenvolvimento econômico fosse integrado à questão ambiental, gerando o conceito de desenvolvimento sustentável<sup>1</sup>, o turismo passou a ser considerado o modelo econômico adequado para esse fim (OMT 1994).

Podendo se desenvolver nos mais variados ou diferenciados ambientes o turismo é a atividade que mais cresce no mundo (EMBRATUR 1994). Por essa razão foi identificado como a que reúne as maiores possibilidades de, ao proteger o ambiente e o homem, gerar riquezas que podem ser igualmente distribuídas melhorando o padrão de vidas das pessoas (KUAZAQUI 2000).

Os cuidados com os recursos naturais passam a ser condição natural para a prática do turismo (WEARING 2001). Amplia-se a consciência sobre os riscos de não preservar os lugares naturais uma vez que sua destruição ou descaracterização gera o efeito óbvio de cessação de rendimentos.

Essa visão do lucro como resultado evidente da preservação e da valorização do meio ambiente, cultura local e da qualidade vida da população estabelece os princípios do ecoturismo. Este é definido pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR (1994) como “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua

---

<sup>1</sup> Definido pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações satisfazerem suas próprias necessidades” (OMT 1994).

conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”.

O ecoturismo tem, portanto, o propósito de buscar o desenvolvimento social justo, sustentável ambientalmente e viável economicamente (OMT 1994).

Entendido como a prática de homens e mulheres buscarem o contato com a natureza movidos pelos desejos de volta ao seio da ‘Mãe-Terra’ e de encontro com o outro e consigo próprios, o ecoturismo é visto como uma atividade geradora de uma economia aceitável e redentora (Ansarah 1999).

Os ecoturistas, dispostos a pagar pela manutenção dos espaços naturais em benefício próprio, em suas ações, geram benefícios aos que cuidam do meio ambiente. Seus gastos podem garantir a disponibilidade dos bens tangíveis e intangíveis para o desfrute no presente sem prejuízos futuros (Ruschmann 1999).

Porém, apesar do momento atual de transição social, com mudança de paradigmas, ainda predomina a visão do crescimento econômico como solução para os problemas sem se deter que o ambiente não pode suportar o crescimento indefinidamente (PAL 2002).

Outrossim, uma revolução silenciosa está acontecendo no mundo todo. O ser humano se mostra mais empenhado em conviver por mais tempo em comunhão com a Terra fugindo do estresse, cuidando da natureza e aprendendo com suas dádivas. Essa postura está impulsionando o movimento iniciado há mais de 30 anos, considerado pelo ENA (2003) como a “revolução do habitat” que se caracteriza pela criação de ecovilas.

Essas comunidades alternativas visam facilitar as oportunidades de relacionamento humano, de interação cultural, de proteção ao meio ambiente

natural, de aprendizagem com a observação da natureza e reconhecimento dos valores locais sem a necessidade de grandes deslocamentos (Soares 2002).

Assim como o ecoturismo tem o propósito de promover o desenvolvimento sustentável, as propostas das ecovilas buscam de igual modo segundo Braun (2002), a integração ambiental, cultural, social e econômica. Tendo finalidades semelhantes, o movimento de ecovilas e o ecoturismo aliados poderão engendrar aparatos que promovam ações compatíveis com a Agenda 21 em nível local.

Tirando da terra o mínimo possível, devolvendo a ela o que é dela, os habitantes das ecovilas se distribuem no espaço observando o desenho da natureza. Aprendem com as populações tradicionais e produzem o necessário para o auto sustento. As ecovilas são também uma oportunidade para promover o equilíbrio espiritual em harmonia com a natureza (ENA 2001).

A rede de ecovilas é extensa e se espalha no mundo inteiro com enfoques diferenciados. As ecovilas são ligadas à Rede Global de Ecovilas - GEN por intermédio de uma representação em cada continente – os países americanos são ligados à Rede de Ecovilas das Américas – ENA ([www.ena.ecovillage.org](http://www.ena.ecovillage.org)).

No Brasil, aliada ao movimento de ecovilas, a rede de Permacultura da América Latina - PAL estimula a criação de organizações em diversos locais visando contemplar os mais variados ecossistemas. O cerrado conta com o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado - IPEC, localizado em Pirenópolis-Go. Esse instituto tem a missão de desenvolver e difundir tecnologias apropriadas<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “A idéia de base no conceito de ‘tecnologia apropriada’ é que os habitantes locais, que lutam diariamente para satisfazer suas necessidades conhecem essas mesmas necessidades melhor do que ninguém. Por isso eles podem sugerir e inventar as inovações tecnológicas necessárias para a satisfação das necessidades. Apresenta-se como solução de base popular e original às necessidades econômicas e de tecnologia” (Troy 2002).



à realidade latino-americana. Desenvolve projetos visando o treinamento em propostas alternativas, tais como: bioconstrução<sup>3</sup>, permacultura<sup>4</sup> e ecoversidade<sup>5</sup>. Vale citar que a partir de 2003, em função de convênio assinado com a Universidade de Brasília, os alunos de Arquitetura e Urbanismo da UnB disporão de uma disciplina optativa, de 24 créditos, na sede do Instituto em Pirenópolis.<sup>6</sup>

Em relação às ecovilas, o Ipec conta com um terreno adjacente, recebido em doação, destinado a uma ecovila com 48 unidades habitacionais (Sharif 2000). Mas, a primeira unidade da Ecovila Barus ainda não foi concluída.

Este estudo tem por objetivo propor a implantação da ECOvila do Cerrado, na Fazenda Água Limpa (FAL) da Universidade de Brasília, visando incrementar o ecoturismo no Distrito Federal e dessa forma colaborar para a preservação do cerrado.

---

<sup>3</sup> A bioconstrução é a forma de construção natural com a utilização de materiais naturais disponíveis como o barro, a palha, a madeira, etc. Essas técnicas permitem o uso de formas e materiais saudáveis, sem os vícios e as limitações da indústria moderna de construção civil, que hoje é responsável pela maior parte da poluição e do consumo de recursos não renováveis do planeta (Soares 2001).

<sup>4</sup> A permacultura é uma síntese do conhecimento ancestral indígena com o melhor da ciência experimental moderna para criar um sistema de planejamento e produção integrado com a natureza. Seu objetivo é a eficiência energética máxima em todas as interações de um sistema vivo. Desde a localização das habitações até a criação de florestas de alimentos e ecossistemas aquáticos, a permacultura permite a concentração de produção das necessidades humanas em pequenos espaços (Mollison 1991).

<sup>5</sup> Ecoversidade é uma forma de treinamento proposta por Bill Mollinson assumida pelo Ipec. Trata-se de uma associação curricular entre os programas “Educando para um futuro sustentável” desenvolvido pela Unesco e métodos e princípios da permacultura como estabelecidos no livro texto “Permacultura – Designer’s Manual” (Bento Filho 2002).

<sup>6</sup> Nota divulgada na revista Permacultura Brasil. v.5, p.5, 2000.

## 1.2 - Justificativa

A escolha desse tema se deu em razão da constatação de que nos últimos 30 anos a paisagem do cerrado foi e vem sendo continuamente desfigurada. A cada ano aumenta o número de quadriláteros de terra vermelha ocupando a paisagem em substituição ao verde. A progressão geométrica das derrubadas vai revelando a destruição da fauna, da água pura e da vegetação original em favor da agricultura e da pecuária.

Diante desse quadro de dizimação torna-se imperioso conter as agressões implantando outras atividades econômicas que possam garantir o retorno de investimentos sem destruição. Novas fontes de renda podem conter a derrubada do cerrado cuja área protegida se reduz a 2% em reservas e parques e aos minguados 20% de Reserva Legal previstos no Código Florestal. Vale destacar que mais da “metade da área já foi desmatada” (UNESCO 2000).

Urge o surgimento de iniciativas para gerar não só benefícios econômicos, mas também, benefícios da natureza protegida e da cultura valorizada.

O ecoturismo vem sendo apontado como uma alternativa benéfica em termos ambientais, sociais, culturais e econômicos. Porém, a região do cerrado ainda não foi divulgada como potencialmente atraente para a atividade turística. A paisagem é considerada por muitos não exuberante, a cultura caipira parece pobre, não há água em abundância e a vegetação rala não inspira mistérios a serem desvendados.

A listagem oficial dos pólos ecoturísticos localizados no cerrado contempla apenas os lugares com cachoeiras e rios. A Constituição Brasileira não inclui o

cerrado no rol do patrimônio nacional a exemplo da Floresta Amazônica, Mata Atlântica e Pantanal Mato-Grossense.

À vista disso, surge o questionamento sobre a pouca importância dada ao bioma do cerrado.

Os tratores não podem continuar derrubando o cerrado sem dó. É preciso oferecer contrapartida aos proprietários rurais e gerar emprego no campo para as populações locais. É preciso buscar a compreensão dos valores culturais dessas populações que permitem que suas tradições sejam consideradas insignificantes.

Dentre as correntes sobre potencialidades para o turismo acata-se, neste trabalho, aquela que defende que todos os lugares têm potencial turístico. Desse ponto de vista acredita-se que o ecoturismo, se incrementado na região, pode contribuir para a proteção e/ou conservação do cerrado. O que falta para ampliar a busca pelos atrativos desse bioma são propostas capazes de sensibilizar os proprietários rurais e os turistas para os valores intrínsecos do mesmo.

Porém, o proprietário tem a terra como recurso econômico e o conhecimento que possui para tirar proveito dela se restringe à produção agropecuária convencional que exaure os recursos naturais.

Contrariamente, os que tiveram oportunidade de estabelecer laços com o ambiente do cerrado sentem necessidade de preservá-lo.

Essas as razões pelas quais o presente trabalho se propõe a identificar um produto ecoturístico que possa ser criado numa área rural que não possui recursos naturais exuberantes como florestas, montanhas, mares, cachoeiras, rios ou lagos.

## 2 - REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 - Tendências sociais contemporâneas condicionantes do Turismo

Considerando as 'imensas possibilidades' que as viagens oferecem, Fuster (1974) apontou o Turismo como a atividade capaz de atender a demanda da, então, futura civilização do ócio. Três décadas mais tarde, essa percepção vai se confirmando nesta sociedade onde, segundo De Masi (2000), 'a era industrial cede lugar ao tempo livre, à estética, à criatividade, e à subjetividade'.

De Masi observa que a sociedade industrial, economicamente calcada na produção de bens e na relação capital x trabalho, cede espaço para a sociedade do 'ócio criativo'<sup>7</sup>.

Esta sociedade, denominada pós-industrial, tem a base econômica na produção de serviços e não na de bens; é fundada no deslocamento e na reunião de pessoas, mercadorias e informações provenientes de todas as partes do mundo; privilegia a produção de idéias; tem a responsabilidade de buscar o desenvolvimento sustentável por causa da consciência que tem do planeta como um sistema finito; contrapõe a subjetividade à massificação da sociedade industrial; promove a diminuição do trabalho aumentando o tempo livre; provoca aumento da massa das pessoas que não trabalham (estudantes, desocupados, idosos); gera o desemprego em função da diminuição do trabalho de execução e do aumento do trabalho de tipo criativo acontecerem em ritmos diferenciados;

---

<sup>7</sup> Ócio criativo é definido como o conjunto de valores que se contrapõe ao modelo social centrado no culto ao trabalho, ao mercado e à competitividade. Baseia-se na simultaneidade entre trabalho, estudo e lazer; é centrado no aumento do tempo livre; à justa distribuição da riqueza; e também, privilegia a introspecção, o convívio, a amizade, o amor e as atividades lúdicas (De Masi 2000).

favorece a globalização dos meios de comunicação de massa, da ciência, do dinheiro e da cultura devido ao progresso tecnológico; apresenta tendência de aumentar o tempo de vida; libera o homem para o trabalho criativo, prazeroso deixando às máquinas o trabalho executivo; valoriza a estética que passa a ser o diferencial de um objeto tecnicamente criado em igualdade de condições com outro; diminui os pequenos deslocamentos; e aumenta os deslocamentos de grandes distâncias a outras cidades, países e continentes (De Masi 2000).

Esses valores e características da sociedade emergente ao mudar o ritmo do cotidiano provocam alterações nas necessidades humanas que repercutem inclusive nas motivações para as viagens.

As motivações individuais, os desejos de conhecimento de si mesmo, do outro ser humano e do ambiente em que se movem os habitantes de uma localidade (Fuster 1974) e as motivações sociais (necessidades humanas de relacionamento social, reconhecimento e estima) influenciam os fluxos turísticos que aumentam e se diversificam a cada dia.

Em razão disso o conceito de turismo é ampliado e o turista deixa de ser apenas o viajante de férias à procura de descanso e lazer. Surgem novas correntes turísticas denominadas de acordo com suas respectivas motivações que vão dar sustentação econômica a muitas localidades.

A repercussão desse fenômeno no final da década de 70 direciona para a identificação do turismo como a atividade econômica mais adequada para atender os propósitos do desenvolvimento sustentável.

*“A partir da década de 80, a questão ambiental vem crescendo e assumindo caráter ideológico, influenciando a política, a cultura e a ciência e contribuindo para a formação de novos paradigmas.... Na atividade turística, essa evolução dos paradigmas aponta para uma substituição do turismo de massa por um tipo mais brando, para a busca de um desenvolvimento auto-sustentável \* e de uma atitude mais responsável em relação à natureza e ao meio ambiente” (Dencker 2000).*

A partir daí as correntes turísticas em busca da natureza ganham impulso dando surgimento ao ecoturismo.

## **2.2 - Ecoturismo**

De acordo com Ruschmann (1999), o turismo mundial na atualidade é influenciado por duas práticas oponentes. De um lado o sistema capitalista gerador do mercado turístico, ofertando bens e serviços para suprimento das necessidades de consumo criadas por ele próprio. Do outro lado o movimento ambientalista preconizado pela preservação da natureza. Aquele, potencializando a poluição, a descaracterização e até mesmo a destruição do ambiente natural e cultural enquanto que o último busca a garantia da proteção da natureza e a maximização do bem estar da humanidade. Essas duas forças ao se contraporem encontram seu eixo de equilíbrio no ecoturismo.

Conciliando os interesses de lucro do capitalismo e as necessidades de desenvolvimento social das áreas a serem preservadas, o ecoturismo tem como proposta contribuir para o desenvolvimento sustentável que visa assegurar a disponibilidade futura dos recursos naturais. Como esses recursos constituem os

insumos para a produção de riqueza, o próprio sistema se torna o maior interessado em manter suas reservas.

A matéria prima do ecoturismo é encontrada nas áreas pródigas em belezas naturais, pretensamente intocadas e com traços culturais significativos. Esses diferenciais são característicos de regiões pobres que carecem de recursos financeiros para suprir a comunidade local em suas necessidades básicas de alimentação, saúde, educação, habitação, locomoção e segurança.

O objetivo do ecoturismo é, pois, assegurar a disponibilidade futura dos recursos naturais, maximizar a qualidade de vida e ampliar o combate à miséria gerando emprego e renda nas localidades receptoras.

Assim o ecoturismo se viabiliza usando o modelo capitalista e a prática ambientalista de mobilização social, proporcionando vantagens a todos os envolvidos. Mantém o processo produtivo de oferecer produtos compatíveis com as exigências da elite que compõe a demanda e ao mesmo tempo se apropria da prática direcionada para ações conjuntas envolvendo os vários atores sociais em favor do meio ambiente: governo (em todos nos níveis), iniciativa privada, ONG, escolas, associações de classe e comunidade local.

A prática da atividade ecoturística atinge o índice de 10% a 20% dos viajantes em todo o mundo (OMT).

Além da disponibilidade de recursos, o ecoturismo depende de fatores como motivação da demanda e fatores sócio-culturais e econômicos além da observância da capacidade de carga dos atrativos (EMBRATUR 1994).

Apesar dos impactos negativos que a atividade gera sobre a natureza, são evidentes os efeitos positivos do ecoturismo como: diversificação da economia

local, geração de empregos, fixação da população no interior, melhoria na infraestrutura básica e de equipamentos nas áreas protegidas (EMBRATUR 1994).

A atividade exige monitoramento constante visto que os métodos usados para estabelecer a capacidade de suporte dos locais ecoturísticos ainda são discutidos (WEARING 2001).

### 2.3 - Ecologia

Quando se discute ecoturismo costuma-se enfatizar os impactos negativos causados pela atividade, mas, as ameaças ao meio ambiente são uma questão mais ampla envolvendo outros fatores.

Segundo Lutzenberger (2000) ainda predomina a visão simplista do mundo, sem levar em conta que o ambiente natural e seres humanos são partes integrantes de um todo maior onde tudo está ligado a tudo.

*“Estamos diante de um círculo fechado – a planta produz oxigênio e consome gás carbônico, o animal faz o contrário, consome o oxigênio e libera gás carbônico.*

*Trata-se de um processo só. Plantas e animais são parte de uma só unidade funcional. Dá para dizer: se meu coração, rins, fígado etc. são meus órgãos internos, então as plantas são meus órgãos externos, mas eu também sou órgão externo delas. Não existe ambiente, é tudo uma coisa só.*

.....

*Basta entender que a vida na Terra é um sistema integrado, um organismo só. Um planeta vive ou não vive. Da mesma maneira que não posso dizer que meu*



*coração, cérebro e demais órgãos são meus passageiros, não podemos dizer que a Terra é uma nave espacial que carrega seres vivos.*

.....

*Temos que dar-nos conta, portanto, que nós humanos somos apenas parte de um organismo maior. Infelizmente hoje, nesta loucura suicida que se diz “Sociedade de Consumo” estamos nos comportando como se fôssemos um tecido cancerígeno. Se não aprendermos a nos comportar harmonicamente no grande organismo vivo não teremos futuro.” (Lutzensenger 2000)*

Nos últimos 30 anos tem se buscado soluções para os perigos que ameaçam o meio ambiente e conseqüentemente a vida no Planeta. Por exemplo, o conceito de desenvolvimento sustentável que propõe a articulação entre o avanço econômico, a proteção ambiental e o progresso social enquanto critica o consumismo conseguiu avanços significativos no início dos anos 90.

Durante a 1ª. Cúpula da Terra, países ricos e pobres se comprometeram em desenvolver políticas de proteção ao ambiente de modo a beneficiar o ser humano. As propostas, abrangentes, tinham o objetivo de diminuir os privilégios do capital em favor das populações e do seu modo de vida integrado ao ambiente.

Porém, de acordo com relatório de Lestienne (2002) sobre a 2ª. Cúpula da Terra, o compromisso assumido no Rio considerado avançado pelos ambientalistas ainda não se concretizou conforme o esperado.

Segundo Lestienne (2002), nada de significativo foi alcançado em relação às propostas de desenvolvimento sustentável. Em Kyoto – Japão (Rio+5), a avaliação da aplicação das propostas do Rio mostrou a lentidão do processo de

implementação da Agenda 21. A referida agenda ainda não havia sido elaborada na maioria dos países – a do Brasil foi elaborada dois meses antes da 2ª. Cúpula da Terra – (Rio + 10), em 2002.

*“Os problemas da miséria e da marginalização se agravaram. Ampliou o conflito entre a lógica de maior produção e consumo, sem freio e com enorme desperdício, e a visão dos ambientalistas, alarmados diante dos riscos e ameaças crescentes de destruição irreversível do Planeta” (Lestienne 2002).*

A 2ª Cúpula da Terra, convocada em agosto de 2002, visava efetivar na prática o que tinha sido definido 10 anos antes. Até então os avanços alcançados em relação às propostas da Agenda-21 eram insignificantes. O objetivo era chegar a propostas precisas e concretas, com prazos e meios fixados (Lestienne 2002).

Além de discutir a implementação das propostas da ‘Agenda 21’, outras cinco prioridades foram colocadas na pauta de discussões da convenção: água, energia, saúde, agricultura, biodiversidade.

Mas o resultado das negociações não correspondeu à expectativa dos ambientalistas. Segundo Lestienne (2002) enquanto os representantes dos países ricos e das empresas multinacionais comemoravam, a avaliação feita pelas ONG apontava para o retrocesso em relação aos compromissos sócio-ambientais assumidos na Rio-92. A promoção do comércio, das finanças e da globalização prevaleceu sobre as questões ligadas ao futuro do planeta, da humanidade e das gerações futuras.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA, por exemplo, não conseguiu obter os recursos e a autonomia esperados. “Nem o risco de destruição, com graves conseqüências para a humanidade, faz com que o meio ambiente seja prioridade para os países ricos focalizados na obtenção de benefícios em curto prazo” (Lestienne,2002).

Contudo, a evidência de que “a Terra está precisando de novas idéias e de soluções que tragam de volta a esperança e mostrem um novo caminho para a humanidade” vem mobilizando muita gente nos últimos anos.<sup>8</sup>

Movidos pelo sonho de viver bem uns com os outros e com a natureza buscam novos modelos de vida. A cada dia aumentam projetos alternativos propondo soluções para os problemas sociais e ecológicos do mundo.

A procura de modos de viver de forma pacífica, justa e sustentável inspirou homens e mulheres, profissionais de todas as áreas no mundo inteiro, a enredar redes em defesa da vida – praticando a economia solidária<sup>9</sup> e/ou vivendo segundo os preceitos do movimento de ecovilas.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> ‘Chamado à Ação’ publicado no jornal Ecovillages. v. 8, ed. 2, 2002.

<sup>9</sup> A economia solidária busca transformar as realidades econômicas. Visa o engajamento das comunidades no sentido de ver a economia além da forma tradicional (capitalista, de mercado). Essa proposta tem na moeda e no lucro não um objetivo em si, mas meios para a vida. Passa-se do “acumular dinheiro” (moeda), na economia capitalista, para o processo de “verdadeira circulação da moeda”, gerando iguais oportunidades e possibilidades para todos (Fisher 2001).

<sup>10</sup> Baseado no texto Ecovila: modelo de vida sustentável referente ao curso ‘Ecovilas e o paradigma emergente’ realizado no Centro de Vivências Nazaré por Mae West. Disponível em: <<http://www.nazarevivencias.com.br/ecovilas>>, acesso em dez/2002.

## 2.4 - Ecovilas

As ecovilas surgem em resposta aos graves problemas que o planeta e a humanidade enfrentam. De acordo com os princípios universalistas, esses assentamentos buscam alternativas para a solução dos problemas sociais e ecológicos, com a esperança de promover uma forma de vida pacífica, das pessoas entre si e com a natureza (ENA 2002).

O movimento global de ecovilas, que emergiu a partir da constatação da urgência de se deter as ameaças à sustentabilidade da vida no planeta ganhou forças a partir de 1995. Essa consciência da necessidade de viver de forma autosustentada, gerenciando recursos finitos, levou à criação do Global Ecovillage Network - GEN, durante encontro realizado pela Fundação Findhorn na Escócia. Posteriormente foi criada a Ecovillage Network of the Américas - ENA responsável por orientar o desenvolvimento de ecovilas no continente americano.

As ecovilas se organizam espacialmente levando em conta a funcionalidade, o não desperdício e a autosustentação. Sobre esses aspectos André Luis Soares, coordenador do Ipec, afirma que:

*“Ecovila é um assentamento completo, de proporções humanamente manejáveis, que integre as atividades humanas no ambiente natural sem degradação, e que sustente o desenvolvimento humano saudável de forma contínua e permanente.”*

*“As ecovilas são concebidas como ocupação humana que disponibiliza, de forma equilibrada, as funções principais de uma vida normal como residência, trabalho, lazer, vida social e comércio. A filosofia que norteia esse movimento direciona para a busca da independência em termos de oportunidades de emprego,*

*alimentação e educação, ficando na dependência externa apenas dos serviços especializados como hospitais, aeroportos, etc. Essa dependência pode ser suprida com a organização de diversas ecovilas em busca desses serviços”*  
(Soares,2002).

As ecovilas não estão restritas às áreas naturais. A cidade pode se tornar uma federação de ecovilas interdependentes. Da mesma forma as comunidades rurais, que precisam se adequar para evitar o colapso do ambiente.

O número de habitantes de cada ecovila varia de acordo com sua capacidade de autosustentação. Para garantir a funcionalidade dos assentamentos foram estabelecidos padrões a serem considerados no planejamento do espaço a ser ocupado (Soares 2001). O padrão numérico populacional adaptado de Bill Mollison observa a seguinte escala:

- 30 pessoas é o mínimo ideal para começar, pois com esse número é possível cobrir a maioria das funções humanas na ecovila;
- 100 pessoas adultas é o número necessário para estabelecer uma instituição financeira local sustentável;
- 200 ou 300 pessoas é favorável ao relacionamento pessoal entre os habitantes locais, condição essencial para a sobrevivência de uma Ecovila e o mínimo necessário para a variabilidade genética humana;
- 500 pessoas é o número limite, em função do princípio do consenso, para que todos possam se conhecer;
- 600 a 1000 pessoas é o número máximo para o relacionamento pessoal e a representatividade de todos;

- 1.000 a 5.000 é o máximo para uma federação de ecovilas;
- 7.000 a 40.000 é o número para as cidades e depende da organização em vilas ou cooperativas confederadas para funcionar;
- 50.000 é o número máximo para uma cidade organizada.

Em torno das ecovilas, ecoaldeias ou comunidades sustentáveis discute-se os novos paradigmas ambientais, que abrangem os campos da bioconstrução; energias renováveis; ecologia profunda; liderança em círculo, permacultura (que orienta para a produção auto-suficiente de alimentos); economia ecológica<sup>11</sup>; educação ambiental; comunicação global; saúde holística; e economia solidária.

A Rede Mundial conta com grandes ecovilas como Sarvodaya no Sri Lanka com 11.000 pessoas, EcoYoff and Colufifa no Senegal com 350 ecovilas, Tibet, Auroville no sul da Índia (uma ecovila-cidade) e Nimbin na Austrália; pequenas ecovilas rurais como Gaia Asociación na Argentina e Huehuecoyotl no México; Los Angeles EcoVillage e Christiania em Copenhague que são projetos urbanos; Crystal Waters (centro de permacultura), Austrália, Cochabamba, Bolívia e Barus (projeto) no Brasil; além de centros educativos como Findhorn na Escócia e Centro de Tecnologias em Massachusetts (GEN 200?).

O estilo de vida adotado nas ecovilas pode influenciar em favor da justiça e cooperação em nível global. Como exemplo, “no Sri Lanka adotaram um cessar-fogo depois de 40 anos de guerra graças em grande parte a Sarvodaya, a rede de

---

<sup>11</sup> A economia ecológica é definida como “a aplicação do design ecológico para a interface ente a espécie humana e a Terra. Nesse modelo é a ecologia que regula a economia” (Haenke 2001). Inclui em suas diretrizes a medida de economia informal, reflexos ambientais, revisão de indicadores como o PIB, dependência em oposição à competição e uma ampla definição das necessidades humanas.

ecovilas” e no Senegal as ecovilas são reconhecidas oficialmente como novo modelo de desenvolvimento<sup>12</sup>.

No Brasil destaca-se, entre várias iniciativas, o Centro de Vivências Nazaré Paulista. Essa comunidade inspirada em Findhorn tem como propósito promover a expansão da consciência individual, grupal e planetária. Estabeleceu parceria com o Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPE que atua em diversos projetos nas áreas de Biologia da Conservação, Educação Ambiental e Desenvolvimento Social. “Essa parceria tem como meta a união do pragmático ao espiritual”. O Centro de Nazaré proporciona vivências dentro dos princípios e valores espirituais e o IPÊ trabalha pela preservação da biodiversidade, pesquisa de espécies em extinção, restauração de habitat e educação ambiental (Centro de Nazaré 2002).

Com relação ao ecoturismo, o projeto Gaia Village em Garopaba-SC, fundamentado nos princípios do movimento de ecovilas e elaborado após treinamentos e vivências em Findhorn, baseia-se “no entendimento e percepção maior do universo, do complexo vital do planeta e da importância de ações no sentido de preservar as heranças biológicas e culturais”.<sup>13</sup> Visa o aproveitamento de propriedade litorânea que transcenda o enfoque de aproveitamento econômico.

Quanto ao aspecto educativo, algumas ecovilas vêm desenvolvendo projetos com essa finalidade. Vale ressaltar que

*“muitas ecovilas oferecem recursos e oportunidades educativas e excepcionais para pessoas que querem aprender mais sobre a vida em*

---

<sup>12</sup> Baseado em Nota de Imprensa de 27/ago/2002, divulgada pela ENA sobre o lançamento do livro ‘Ecovillage Living – Restoring the Earth and her People’: “uma compilação de artigos por escritores de ecovilas do mundo todo. Publicação: 2002, Green Books, Londres em associação com a Gaia Trust, Dinamarca” (ENA 2002).

<sup>13</sup> Baseado no texto Planeta consciente. Disponível em <<http://www.gaia.org.br>>, acesso em nov/2002.

*comunidade ou sobre uma comunidade em particular; membros de comunidades que desejam desenvolver seus próprios programas educativos; estudantes universitários que querem estudar as comunidades como parte do currículo acadêmico; educadores que desejam criar ou melhorar um programa sobre comunidade” (Greenberg 2002).*

Dentre as comunidades que alcançaram sucesso como centros educativos destacam-se: Crystal Waters (Austrália), Lebensgarten (Alemanha), Findhorn (Escócia), Auroville (Índia), além das comunidades situadas nos Estados Unidos - Comunidade Sirius (MA), Eco Village em Ithaca (NY) e The Farm (Tennessee).

Além desses, o movimento conta com uma iniciativa em educação denominada Living Routs Education. Tem a missão de desenvolver programas educativos em nível universitário em ecovilas, favorecendo a participação de estudantes na construção de um futuro sustentável.

*“Nestes programas, os alunos criam suas próprias ‘comunidades de aprendizado’ dentro das ‘comunidades vivas’, integrando atividades e experiências. Conversas com membros experientes das comunidades, trabalho voluntário e participação na rotina diária, tornam mais fácil o entendimento sobre a vida comunitária. Apesar do conteúdo bastante acadêmico destes programas, é a imersão na vida comunitária que oferece as maiores oportunidades de aprendizado, resumidos em três pontos fundamentais:*

- 1. Se quisermos sobreviver temos que aprender a viver em comunidade com todos os seres vivos.*



2. *Não basta ler sobre o assunto, precisamos vivenciar a realidade!*

3. *Um dos melhores lugares para ter esta vivência são as ecovilas”(Greengerg 2002).*

Aprender a viver nas ecovilas não é considerado tarefa fácil posto que se constitui em um desafio a toda uma mega-estrutura social. Mas trata-se de uma realidade possível e que já está acontecendo. Essa realidade já começou a ser conhecida do público que manifesta interesse em conhecer um projeto de perto.

*“O começo é um pedaço de terra” (Jackson 2002).*

## **2.5- A situação do cerrado**

Dentre os danos que o cerrado vem sofrendo, os principais são causados pelo garimpo, pela produção de carvão vegetal, pela expansão da agricultura e pela pecuária, além da falta de proteção legal (WWF 2003).

As lavouras de soja, que vêm se expandindo no cerrado graças a estímulos oficiais, poluem o ar, a água e o solo e geram impactos negativos na agricultura tradicional de arroz, milho e feijão prejudicando as populações locais e sua cultura (Campanili 2003).

A retirada da vegetação original para formação de pastagens e lavouras, além de empobrecer o solo e provocar alterações climáticas, está destruindo o habitat natural da fauna silvestre de uma das maiores biodiversidades do planeta.

As tecnologias modernas da sociedade industrial utilizadas nas lavouras arruinam práticas tradicionais empregadas nas plantações de subsistência.<sup>14</sup>

Sem opor resistência diante do quadro de devastação, os pequenos proprietários vão vendendo suas terras no cerrado por preços irrisórios (Campanili 2003). Ignorando os valores do cerrado *não serrado* ou acreditando nos prodígios da inesgotabilidade dos recursos, permitem que a devastação siga seu curso. As áreas degradadas se avolumam. O cerrado clama.

*“Tem a seu favor o fato de ser cortado por três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Tocantins, São Francisco e Prata), favorecendo a manutenção de uma biodiversidade surpreendente. Estima-se que a flora da região possua 10 mil espécies de plantas diferentes (muitas usadas na produção de cortiça, fibras, óleos, artesanato, além do uso medicinal e alimentício). Isso sem contar as 759 espécies de aves que se reproduzem na região, 180 espécies de répteis, 195 de mamíferos, sendo 30 tipos de morcegos catalogados na área... Na área do Distrito Federal há 90 espécies de cupins, mil espécies de borboletas e 500 tipos diferentes de abelhas e vespas”. (WWF 2003)*

Pela localização do cerrado, em sua maior parte na região central do Brasil, torna-se fundamental o equilíbrio desse bioma como corredor ecológico. Suas

---

<sup>14</sup> Baseado na Carta do Maranhão, escrita em 22 de novembro de 2002 em João Lisboa-MA no encontro dos ‘Povos do Cerrado’.

bordas permeiam a mata atlântica, a caatinga, a amazônia e o pantanal.<sup>15</sup> Por ser rodeado por todos os biomas brasileiros, com exceção dos pampas gaúchos, o cerrado é ponto estratégico para fluxos e refluxos entre os biomas, inclusive fluxos ecoturísticos.

---

<sup>15</sup> Baseado no texto sobre o cerrado, disponível em <<http://ecosolidariedade.com.br>>, acesso em 2003.

### **3 - MATERIAIS E MÉTODOS**

#### **3.1 - A área de estudo: Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado**

O Ipec está localizado na área rural de Pirenópolis – Go, distante cerca de 2 quilômetros da cidade. “Tem a missão de trabalhar para o estabelecimento de modelos de sustentabilidade apropriados para a realidade do Cerrado e do Brasil, a partir de uma perspectiva global” (Ipec 2002). Seu programa educacional contempla a Introdução ao Design de Ecovilas, Introdução a Permacultura, Bioconstrução e Ecoversidade.

A área foi adquirida em 1998, por causa de sua proximidade de Brasília – estratégia prioritária para estabelecimento de parcerias, participação nas políticas públicas e para a realização de eventos.

O design do instituto foi elaborado respeitando as edificações já existentes. Dessa forma, a casa-mãe da comunidade é a antiga sede da fazenda e se constitui na zona zero em torno da qual se dispõem as demais zonas.

A zona um, que tem a função de alimentar a família, conta com a horta-mandala próxima à cozinha, o uso de energias alternativas e de pequenas tecnologias como o galinheiro, o minhocário e as cisternas de ferrocimento. O galinheiro é construído de forma a facilitar a circulação das galinhas que têm a função de limpar o terreno, o minhocário é um local onde estão empilhadas várias funções e as cisternas têm a função de coletar a água da chuva.

Na zona dois encontra-se a agrofloresta – design de floresta de alimento com 94 frutíferas, cuja meta é produzir frutas o ano todo.

Nas zonas três e quatro estão distribuídos os banheiros de ferrocimento; o sanitário compostável; o sistema de aproveitamento da água usada; a biblioteca, o escritório e alojamentos construídos com técnicas e materiais alternativos como adobe, cob, superadobe, bambu, fardo de palha e madeira.

A zona cinco corresponde à mata ciliar que é intocada.

Na área destinada à Ecovila Barus, contígua à área do Ipec, está sendo construída a primeira residência da ecovila, com mão-de-obra do entorno.

A filosofia do Ipec, segundo o presidente Soares (2003), é divulgar técnicas de produção, já testadas, que visem otimizar a ocupação do terreno.

O Instituto quer estimular a visita de escolas buscando criar atrativos interessantes para as crianças porque “elas é que detectam os furos” e dão o *feedback* (Soares 2003). Um ‘túnel da terra’ com bichos como tatu e minhoca de papel *machê* está sendo construído para atender o público infantil. O Ipec pretende atuar na área de educação ambiental por meio da informática, projeto que conta com parceria da Unesco.

Outro projeto previsto para iniciar em 2003 é a produção de alimentos naturais como massa fresca, yogurte e molho de manjeriço para o suprimento de restaurantes e pousadas.

O Ipec possui esquema de visita com agendamento via *internet* para finais de semana, cobrando o valor de R\$10,00 pela visita guiada, ‘com direito a beber da água coletada da chuva’. A visita completa dura entre duas e três horas. Existe a possibilidade de servir almoço aos visitantes, sob encomenda.

### 3.2- O estudo

O estudo teve início em outubro de 2002. A pesquisa foi realizada em três fases, utilizando a metodologia qualitativa.

A primeira fase, com pesquisa exploratória via *internet*, buscou informações sobre experiências relativas à preservação do cerrado. Dentre as iniciativas detectadas em associações, cooperativas, aldeias e comunidades alternativas, distinguiu-se o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado – IPEC. Ficou estabelecido que após a pesquisa bibliográfica para o embasamento teórico, o levantamento de dados seria realizado naquele Instituto. O local pareceu adequado para os propósitos desse estudo em razão de sua proximidade de Brasília e por desenvolver práticas alternativas de proteção do cerrado além da existência da Ecovila Barus ligada à Rede Mundial de Ecovilas (GEN 200?).

A base teórica na qual o trabalho se orientou foi a teoria sociológica do ócio criativo, os princípios do ecoturismo, os valores intrínsecos da natureza e os paradigmas do movimento mundial de ecovilas.

Na fase posterior foram realizadas duas visitas ao Ipec. A primeira visita realizada ao local foi em janeiro de 2003. O objetivo era coletar dados por meio da observação direta de práticas alternativas para comparação entre as informações documentais e a praxe. A visita, de um dia, foi guiada por uma arquiteta adepta do programa de voluntariado do Ipec. Porém, essa visita técnica ocorreu no período de recesso no Instituto.

Com as atividades suspensas por mais de um mês, o que se pôde de fato observar foram as instalações e o zoneamento permacultural da propriedade. Por

essa razão os dados sobre as práticas diárias nas ecovilas foram obtidos apenas em fontes secundárias, inclusive em periódicos específicos adquiridos no Ipec.

Além disso, de acordo com informações obtidas no local, a Ecovila Barus é uma iniciativa desvinculada do Ipec, razão pela qual não foi possível conhecer detalhes a respeito do projeto.

A segunda visita foi realizada no mês de fevereiro e contou com as presenças do coordenador do movimento de ecovilas no Brasil, presidente do Ipec – André Soares, do Professor Manoel Cláudio, do Diretor da ONG que financia projetos do Ipec e outros. Dessa vez, com as atividades reiniciadas, pôde-se observar alguns procedimentos da vida comunitária e os preparativos para a próxima temporada de cursos, inclusive a construção de alojamentos com superadobe.

Já na terceira fase, de posse de informações teóricas sobre as causas dos problemas do cerrado, o estudo apontou para a relação entre os valores ambientais de onde originam propostas de novos modelos econômicos. A prática dessa nova economia - ecológica e social já extrapolou o âmbito das ecovilas e se expande em vários centros urbanos.

O local escolhido – a Fazenda Água Limpa (FAL – UnB) - para a proposta de implantação do projeto de ecovila experimental já havia sido visitado nos anos de 2000 e 2002 com o objetivo de levantar o potencial turístico do local. A esse inventário foram acrescentadas informações retiradas de monografias sobre a Fal obtidas no *site* da UnB.

Por último, buscando respaldo para a proposta da ECOvila do Cerrado, foi feita uma visita técnica à Fazenda Água Limpa para conhecer a forma como o

ecoturismo é praticado na propriedade. A técnica de coleta de dados valeu-se de entrevista aberta com o administrador da fazenda Sr. Robson.

O estudo buscou sustentação para as motivações para o ecoturismo na teoria sociológica sobre o ócio criativo em atenção ao aspecto multidisciplinar do turismo que leva à necessidade de compreensão do fenômeno à luz de outras disciplinas como economia, ecologia, antropologia, sociologia, psicologia.

Quanto ao ecoturismo propriamente dito, valeu-se principalmente das abordagens de Ruschmann (1999) sobre o planejamento do turismo sustentável. Para as questões ambientais em nível global, baseou-se em relato de Bernard Lestienne (2002), sobre os resultados das negociações em Johannesburg. Já o estudo sobre os danos causados ao cerrado foi feito via *internet*.

A conexão detectada entre ECOturismo, ECOlogia, ECOvilas e ECOnomia ecológica e solidária inspirou o título do trabalho: **ECOS NO CERRADO** e deu sustentação à idéia de enredar redes em defesa do cerrado, com a proposta de criação da ecovila-laboratório na Fazenda Água Limpa, no coração do cerrado.



## 4 - RESULTADOS

### 4.1 - Condicionantes do fenômeno turístico

Pelas características da sociedade pós-industrial levantadas, observa-se que o contexto atual favorece a expansão do turismo e gera valores que podem conduzir ao ecoturismo, a saber:

- a economia baseada na produção de serviços, levou a indústria de viagens e turismo ao 1º. lugar no mundo ('com projeções para sua crescente consolidação') (Carvalho 1998);

- a influência da tecnologia em todos os aspectos da vida humana proporcionando informações massivas beneficia o turismo. "Cria as motivações para viajar, conhecer um lugar, sentir um determinado ambiente" (De Masi 2000);

- a criatividade, precisa da mudança de ambiente, visto que ela é estimulada com o distanciamento da atividade rotineira;

- a conquista de melhor qualidade de vida, que implica em estimular e satisfazer os sentidos buscando o prazer, a saúde física e mental, acarreta os deslocamentos para descanso, recreio, entretenimento, liberação de tensões;

- o desenvolvimento da subjetividade que emerge da massificação é estimulado pela prática do turismo. A admiração da paisagem, o 'estar consigo mesmo' durante uma viagem valoriza o indivíduo:

*"A experiência individual direta com o ambiente, a paisagem e os nativos (...) passa a ser um valor dos mais apreciados para a afirmação do individualismo contemporâneo". O sujeito "revisita suas próprias paisagens mentais,*

*redescobrimo-as com outros significados, reveladores, dessa vez de novas interpretações do seu lugar e dos outros no mundo” (Serrano 1997);*

- o tempo livre, na prática, “significa viagem, cultura, erotismo, estética, repouso, esporte, ginástica, meditação e reflexão”. Práticas como assistir o por do sol ou o nascer da lua, caminhar olhando a estética dos vegetais e sentindo o aroma do ambiente, são práticas que propiciam a utilização do tempo livre de forma criativa (De Masi 2000);

- A valorização da intelectualidade também abre campo para as atividades ligadas ao turismo. De Masi (2000) diz que tanto no trabalho quanto no lazer as atividades cerebrais predominam em relação às manuais.

Essas idéias estão de acordo com a opinião de Trigo (1996):

*“Nas sociedades pós-industriais o turismo, juntamente com o lazer, a cultura, as artes, o esporte e a preocupação com a qualidade de vida, desenvolveu-se a cada ano, ganhando sempre mais espaço nos meios de comunicação, nos negócios internacionais, no interesse e no cotidiano das pessoas.”*

#### **4.2 - Antagonismos do ecoturismo**

O ecoturismo possui traços que são intrinsecamente antagônicos:

- É pautado pela escassez de recursos naturais (bens não permanentes). A causa disso pode ser, inclusive, a própria atividade turística que, ao mesmo tempo em que depende desses recursos, provoca sua escassez no processo de

adequação dos mesmos para atendimento ao turista. As intervenções humanas nos sítios ecológicos aumentam cada vez mais o número de obras construídas provocando a descaracterização do meio ambiente.

- Tem no seu escopo a equidade social mas, sua demanda é composta pelas classes sociais mais privilegiadas economicamente. Esse caráter restritivo é, resultante dos custos de manutenção dos atrativos. O custo operacional per capita, que é calculado com base na capacidade de carga dos atrativos, é inversamente proporcional ao número de consumidores. Ou seja, quanto menos consumidores, maior é o preço cobrado.

Apesar disso, apresenta-se como a atividade econômica mais favorável às necessidades de preservação do meio ambiente, melhoria da qualidade de vida e distribuição justa de renda.

### **4.3 - Ecovilas e os novos paradigmas**

Contrariamente à ordem mundial predominante e antecipando a efetivação das tendências contemporâneas para o ócio criativo, as propostas de novos modos de viver das ecovilas vêm alavancando a mudança de paradigmas.

Defendendo a sustentabilidade, o movimento de ecovilas, às vezes conhecido como 'revolução do habitat', ganha adeptos em todas as partes do mundo. Conscientes dos valores intrínsecos da natureza homens e mulheres se mobilizam em favor do planeta, da equidade social e da circulação dos bens e da moeda (solidária).

Dedicadas a criar e demonstrar um modo de vida sustentável, as ecovilas (algumas já estabelecidas há décadas) contemplam em seus projetos as dimensões sociais, ecológicas, culturais e espirituais.

Cada assentamento elege um foco diferenciado para suas propostas que vão desde vivências espirituais, ecologia, educação, ecoturismo, treinamento, até o desenvolvimento de tecnologias apropriadas. Todas têm em comum o compromisso de criar modelos de desenvolvimento em agrupamentos humanos observando que as ações presentes vão repercutir nas gerações futuras.

Na Dinamarca, por exemplo, a dimensão social é considerada prioritária. Lá, “as pessoas anseiam por comunidades e melhores oportunidades para seus filhos. Querem cooperar e celebrar a vida junto com outras pessoas”. Valorizam a integração social onde excepcionais e idosos gozam de plenos direitos. Além disso “querem ser totalmente responsáveis por suas vidas e decidir como desejam construir, se organizar e tomar suas próprias decisões”.<sup>16</sup>

Na dimensão ecológica os fatores que levam muitas pessoas a viverem em ecovilas são as casas construídas com técnicas alternativas, as fontes renováveis de energia, os produtos locais e a permacultura.

A dimensão espiritual/cultural é vivenciada nas ecovilas no modo de viver de forma simples, alegre, consciente e nas práticas que buscam o crescimento espiritual. “Uma vida ecológica e socialmente sadia é a base para um estilo de vida espiritual. A arte e criatividade são inerentes a este processo”.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Extraído da nota de imprensa de 27 de agosto de 2002 sobre o novo livro *Ecovillage Living*, editado por Jackson, H. e Svensson, K. publicado no jornal *Ecovillages* v. 8, ed..2, 2002.

<sup>17</sup> Extraído da nota de imprensa de 27 de agosto de 2002 sobre o novo livro *Ecovillage Living*, editado por Jackson, H. e Svensson, K. publicado no jornal *Ecovillages* v. 8, ed..2, 2002.

Dentre os princípios que norteiam o dia-a-dia nesses assentamentos foram levantados os seguintes:

- respeito à natureza e ao valor intrínseco de todas as formas de vida;
- utilização de sistemas de energia renováveis;
- saúde integral (equilíbrio de todos os aspectos da vida humana: físico, emocional, mental e espiritual);
- o solo é tido como principal aliado para a saúde preventiva por intermédio da produção de alimentos orgânicos / biodinâmicos / permaculturais;
- observação do ciclo de existência dos recursos naturais visando a utilização consciente e responsável dos mesmos;
- idéia de continuidade e permanência que dá importância às gerações futuras;
- cuidado com a água (coleta e armazenamento da água da chuva e aproveitamento da água servida);
- conservação e economia de energia: utilização de tecnologias apropriadas, inclusive para a geração sustentável de energia renovável – solar, micro-hidráulica, eólica, biogás; reintegração de detritos orgânicos ao solo; reciclagem de resíduos sólidos;
- redução de custos e poluição – (redução da necessidade de transporte com a produção auto-suficiente de alimentos e acesso às facilidades de comunicação);
- construção das edificações priorizando o uso de materiais locais, não tóxicos, com utilização das técnicas apropriadas e participação comunitária na construção de suas habitações;

- aquisição de materiais com a observação do nível hierárquico dentro da escala de uso e necessidades dos mesmos (prioritários, não afetados pelo uso, os que se degradam quando não utilizados, os de uso regulado e os banidos);
- restauração dos ecossistemas naturais – o solo fértil, sistemas aquáticos, florestas, mangues e notadamente o cerrado que têm sido degradados por causa das atividades humanas;
- estrutura organizacional – adotam o sistema de fluxo circular que permite a participação de todos no processo de decisão;
- criação de novos sistemas e economia comunitária – cooperativas, sistemas de trocas de trabalho;
- formação da consciência e capacitação para o trabalho de seus habitantes. (O crescimento pessoal e a satisfação são atingidos a partir de um sistema que reconheça as particularidades e as vocações individuais, sem negligenciar as necessidades de sobrevivência do grupo);
- respeito à expressão individual (pessoal, artística ou espiritual) dos habitantes;
- comunicação integrada, por meio da internet;
- educação ambiental dentro e além da região.

#### **4.4- O cerrado no Distrito Federal**

Assim como toda a Terra, o cerrado se encontra em grave estado de urgência. O clima, o solo, a água, a fauna e seres humanos estão sofrendo danos irreparáveis.

Do mesmo modo, a cultura dos povos do cerrado vem sendo desfigurada. As práticas tradicionais que, por sinal, se assemelham às preconizadas pelo movimento ambientalista estão sendo deixadas de lado. Impostas pela onda do crescimento econômico, as novas tecnologias provocam o abandono de formas de vida integradas à natureza e de hábitos similares à permacultura, à economia solidária e à bioconstrução.

No Distrito Federal, cujo território é 100% cerrado, a situação não é diferente do restante. Além da agropecuária, um outro fator contribui para a depredação vertiginosa desse bioma (Pivello 200?). Trata-se da urbanização incontrolada. Recentes estudos divulgados na mídia, mostram que a área urbana no Distrito Federal duplicou em menos de dez anos.

## 5 - DISCUSSÃO

Considerando as tendências sociais da pós-modernidade que privilegiam as viagens de volta à natureza, a defesa do meio ambiente, a justa distribuição das riquezas, o modo de vida das populações tradicionais e as formas alternativas de vida das ecovilas, e supondo que o ecoturismo pode proteger o cerrado, busca-se proporcionar a conexão entre ECOlogia, ECOturismo, ECONomia e ECOvilas no Distrito Federal, os ECOS em favor do cerrado.

### 5.1 - Ecologia e crescimento econômico

O avanço das descobertas, as invenções e as criações tecnológicas têm trazido, ao lado de benefícios, um alto custo para a humanidade. A sede de riquezas vem destruindo vertiginosamente o que a natureza levou bilhões de anos para construir. Há uma “neurose, fruto da ambição, por um crescimento indefinido e insustentável gerado pela ganância”.<sup>18</sup>

Os países industrializados experimentam os benefícios do crescimento econômico, embora os custos em degradação ambiental, redução de recursos e desemprego sejam altos. Mesmo assim continuam se impondo na defesa de seus interesses gerando sacrifício aos demais.

Em nome do crescimento, solos, águas e florestas são dizimados para pagar dívidas assumidas. Dívidas que pagam os benefícios restritos à elite enquanto a maioria da população piora (Fisher 2001).

---

<sup>18</sup> Extraído do relatório da oficina Ecovilas: novas fronteiras para a sustentabilidade, realizada durante o Fórum Social Global da Rede Global de Ecovilas. Relatado por Rassul, E. Disponível em : <<http://www.ena.ecovillage.org>>, acesso em 2003.



Apesar de graves, os problemas sócio-ambientais ainda não foram capazes de abalar as convicções que sustentam o modelo econômico predominante.

De acordo com Fisher (2001), o consumo individual estimulado, as empresas buscando a maximização dos lucros (reduzindo custos e cobrando o preço máximo possível) e a competição considerada como estado natural das relações são pressupostos que refletem o sistema de valores que ignora as desigualdades sociais e a existência de um planeta finito.

Porém, as novas propostas de modelo econômico dão ênfase às necessidades humanas, aos valores da natureza, à circulação de bens e da moeda (solidária), ao cooperativismo e à renúncia ao consumismo.

## **5.2- Economia ecológica e solidária**

A resposta para a indagação sobre a pouca importância que se dá ao cerrado é encontrada na explicação de Fisher (2001), sobre os indicadores da 'saúde' da economia.

O distanciamento e a ignorância sobre a linguagem e ideais da economia, são apontados como a causa da dominação da economia capitalista que é voltada para a acumulação de riquezas e ignora os valores da natureza.

Fisher (2001) afirma que é preciso “olhar mais de perto a disciplina economia” para compreender como a riqueza é medida. Pois é daí que vem a explicação sobre a desvalorização das florestas. Essa questão é abordada a partir do conceito de Economia como produção e distribuição de riqueza.

Nesse sistema a riqueza é definida como Produto Interno Bruto – Pib, sendo este um dos maiores indicadores da saúde da economia. Só as transações

econômicas ocorridas em mercados estabelecidos da economia é que têm efeito para o Pib. Por isso essa forma de medição não reconhece qualquer valor do meio ambiente.

Não abrangendo os benefícios que o meio ambiente proporciona, esses bens só serão incluídos nas estatísticas convencionais de medição do Pib em situações em que se transformam em mercadoria. Por exemplo, as matas só serão consideradas 'riqueza' quando vendidas como madeira, serragem ou carvão. Do mesmo modo o ar limpo, só passa a ter valor se alguma empresa pagar para limpar a sua poluição. Assim, como a política econômica não costuma avaliar os custos da degradação (Fisher 2001) não há esforços para detê-la.

Em decorrência disso surgem as propostas dos defensores da justiça social e do meio ambiente, de novas formas de economia - ecológica e solidária - como modelos para uma economia 'aceitável e redentora'.

As propostas mostram a necessidade de alteração de paradigma, no modo de interagir com os elementos da economia (moeda e lucro) e nas atitudes em relação ao consumismo e aos valores do meio ambiente.

### **5.3 - Os ECOS no Cerrado**

Pelo estudo efetuado identificou-se que os princípios que norteiam o ecoturismo, a ecologia, a economia solidária e as ecovilas convergem para o mesmo ponto. Têm, em comum, preceitos acerca dos destinos do planeta e da humanidade – buscam a sustentabilidade.

Ficou evidente que a corrida pelo crescimento econômico é a principal causa do esgotamento dos recursos naturais para favorecer o mundo tecnológico,

globalizado, consumista. Esse mesmo mundo proporciona o contexto para o ócio criativo liberando o ser humano do trabalho de execução, se encarrega de gerar o estresse que cria a necessidade das viagens. Essas, por sua vez, podem gerar benefícios para o ambiente e populações tradicionais prejudicados pelo crescimento.

Enquanto a ganância segue acumulando riquezas e exaurindo o meio ambiente sem se dar conta do colapso em curso, o movimento de ecovilas atua de forma independente, criando bálsamos para o planeta.

Tendo por princípio não retirar da Terra mais do que é possível devolver-lhe as ecovilas promovem a possibilidade da geração atual cumprir o dever de repassar às gerações futuras, um meio ambiente em melhores condições do que recebeu. Portanto, se constituem não só em importantes referências para a implantação da Agenda 21 em nível local, mas também para disseminar os preceitos em favor da vida, ecoando em nível regional, nacional e global.

Praticando a economia solidária de circulação de riquezas em lugar do acúmulo, proporcionam benefícios para o meio ambiente e a humanidade. Defendendo a natureza e gerando espaço para o ócio criativo, as ecovilas entram no circuito estabelecendo a efetiva transição da era industrial para a sociedade pós-industrial.

Tendo em vista que a repercussão da natureza preservada alimenta o fluxo ecoturístico que por sua vez alimenta a economia de forma saudável, supõe-se que um espaço destinado à visitação e vivências alternativas, localizado na área do cerrado, pode contribuir para a preservação desse bioma.

Presume-se, então, a existência de um laboratório vivo no âmbito do Distrito Federal, criado nos moldes das **ECOVilas**, com missão educativa em defesa da **ECO**logia no cerrado, ensinando a **ECO**nomia solidária e servindo de palco para o **ECO**turismo. A criação de uma ecovila-laboratório, para ser os **ECOS no Cerrado** mantido vivo, é o que se propõe.

#### **5.4 - Ecoturismo no Distrito Federal**

Em Brasília, onde o turismo se apresenta como uma alternativa para promover o desenvolvimento sustentável local, em função do perfil da cidade para a prestação de serviços, um atrativo natural pode incrementar o fluxo de turistas.

O turismo receptivo, segmentado em turismo de negócios, turismo de eventos, turismo de cívico, turismo cultural e turismo místico não apresenta sinais de crescimento significativo no Distrito Federal.

Várias ações foram realizadas no sentido de incentivar o turismo de natureza – rural, ecológico e de aventura. Porém, a maioria dos roteiros ecoturísticos disponíveis em Brasília vendem locais fora do Distrito Federal. A cidade que dispõe de uma infinidade de atrativos culturais carece de recursos naturais para atender o segmento ecológico. Torna-se evidente a necessidade de buscar opções para o ecoturismo no território do Distrito Federal.

A demanda potencial se constitui da comunidade local habituada a praticar o excursionismo, de estudantes e de pessoas que viajam a Brasília freqüentemente para quem os atrativos urbanos já se esgotaram.

Além disso, existe o público que passa um período no Aeroporto Internacional de Brasília, formado de passageiros em trânsito. Esses passageiros

se constituem em demanda potencial para roteiros diferenciados cuja duração não ultrapasse 5 horas.

Em vista dessa necessidade, de incrementar o ecoturismo no Distrito Federal e da proteção que as ecovilas proporcionam ao ambiente, resta indicar o local ideal para a criação da ecovila **ECOS no Cerrado**.

## **6 - PROPOSTAS**

### **6.1- A ecovila ECOS no Cerrado**

Uma ecovila experimental, com residentes temporários, que se constitua num centro disseminador de novos paradigmas de vida, pode vir a ser um lugar de convergência de turistas que buscam a natureza. Esses, experimentando um modo de vida menos consumista e mais integrado à natureza, poderão se tornar multiplicadores de ações em defesa do cerrado.

Soma-se a isto os benefícios locais potencializados por uma 'ecovila experimental' com propostas alternativas para construção, tecnologias, economia, educação, democracia, ecologia e agricultura. Constituindo-se um atrativo diferenciado essa ecovila pode incrementar o ecoturismo no Distrito Federal.

Tomando como base os programas educativos desenvolvidos pela Living Routs – Ecovillage Education que tem como missão fazer a ligação entre as ecovilas e as academias locais, acredita-se na possibilidade de desenvolver projeto semelhante na área da Fazenda Água Limpa da Universidade de Brasília.

Por sua localização e fisionomia típica do cerrado – sem a exuberância de florestas, montanhas, rios, cachoeiras ou lagos, a Fazenda Água Limpa oferece potencial para esse projeto de disseminação da cultura da sustentabilidade.

Professores e estudantes das diversas áreas, turistas de passagem em Brasília, alunos do ensino fundamental e médio e a comunidade em geral seriam beneficiados com um espaço criado para a referida finalidade.

Um espaço multidisciplinar capaz de sensibilizar, ensinar, preparar, divulgar e ampliar ações em defesa do meio ambiente poderá beneficiar o cerrado, a

cultura, a qualidade de vida, potencializando o ecoturismo e maior geração de renda no Distrito Federal.

## **6.2 - O local - Fazenda Água Limpa (FAL – UnB)**

A Fazenda Água Limpa - FAL de propriedade da Universidade de Brasília, está situada no bioma do cerrado, no território do Distrito Federal, distante cerca de 28 km do campus universitário.

Está situada ao sul do Distrito Federal no paralelo  $15^{\circ} 57' 30''$ , entre os meridianos  $47^{\circ} 57' 30''$  e  $47^{\circ} 55' 00''$ . Limita ao sul com a BR 251, ao norte com SMPW e Núcleo Rural Vargem Bonita, a Oeste com a Linha Férrea e a Leste com a reserva ecológica do IBGE e Aeronáutica. Tem como vias de acesso a BR 251 (entrada sul), a BR 040 (entrada oeste), o IBGE (entrada sudeste) e Vargem Bonita (entrada norte) sendo o fluxo limitado à entrada norte.

Com área de 4.340 hectares, a FAL faz parte da Área de Proteção Ambiental - (APA) das Bacias do Gama e Cabeça de Veado (Decreto 9.417 de 21/04/1986). Possui duas importantes bacias hidrográficas, responsáveis por um terço do abastecimento do Lago Paranoá. A APA engloba, além da Fazenda Experimental Água Limpa, núcleos urbanos e rurais, Reservas Ecológicas e Áreas de Relevante Interesse Ecológico (ARIE's). O Aeroporto Internacional de Brasília também está localizado na área de APA e dista, aproximadamente, 14 km da fazenda.

O terreno foi doado pela Novacap, em 25 de novembro de 1.960, à Fundação Universidade de Brasília para a recém criada '*UNIVERSIDADE DA UTOPIA*'. O local afastado do Plano Piloto tinha o propósito de "afastar a agitação

estudantil do centro do poder da capital". A doação foi aceita e a área foi, desde então, destinada à criação de um 'centro agrícola de estudo de uma tecnologia do cerrado' (Ribeiro 1995).

Em 1991 foi aprovada a criação do órgão suplementar Fazenda Água Limpa (FAL) a ser vinculado ao gabinete do Reitor. A administração da fazenda passou a ser responsabilidade de uma Câmara Diretora com representantes da Agronomia, Engenharia Florestal, Ecologia, Economia, Botânica e Administração além do Diretor que atualmente é designado pelo Vice-Reitor.

A vegetação da fazenda é típica do cerrado brasileiro, com árvores tortas, cascas grossas e macias. O clima é chuvoso e úmido durante seis meses do ano e com período de estiagem nos outros seis meses. O período prolongado de seca influencia a floração, a espessura das cascas dos troncos, a quantidade de folhas e o tamanho e formato dos troncos. A flora do cerrado é composta por espécies forrageiras, medicinais, alimentícias, corticeiras, ornamentais e outras. Como exemplo pode-se citar o barbatimão, jacarandá-do-cerrado, sucupira, mussambê, carvoeiro, buriti, samambaia e as frutas como gabioba, pitanga do cerrado, pera do cerrado, araçá, cajuzinho, araticum, mangaba.

O relevo da fazenda varia entre 1050 e 1200 metros acima do nível do mar. Apresenta área plana no lado leste e ondulado no oeste onde há declividades superiores a 10%. Os recursos hídricos são formados pelas microbacias que formam o Córrego Capetinga, Córrego Taquara, Ribeirão do Gama, Queda d'Água, Olho d'Água da Onça, etc. Em uma parte da área o nível freático chega a 50cm sendo necessária a drenagem por valetas para favorecer a agricultura na época de chuvas.



O tipo de solo predominante é o Latossolo-vermelho-amarelo (LVA) e o Latossolo-vermelho-escuro (LVE) que estão associados à vegetação do tipo cerrado. Apresenta solo rico nos vales com concentração de água e nutrientes, superfícies com plintita (concreções de ferro), veios de quartzo, ardózia com fratura permitindo a recarga de água no solo, solo de turfa e arenito. Próximo às margens dos rios encontra-se o solo preto (Hidromórfico) apresentando em alguns pontos plantas típicas de solo ácido. Em alguns trechos pode-se observar solo aluvionário.

A fauna silvestre se compõe de lobo guará, onça, tamanduá, veado, tatu, capivara, seriema, gavião, quero-quero, coruja, etc. Cerca de 10% a 15 % dos vertebrados que vivem na região do cerrado são restritos a este bioma, isto é, são endêmicos. Destacam-se o sagui-estrela, bugio-preto, codorna mineira, inhabu-carapé, tangará-de-crista-vermelha, papagaio-acurau e o beija-flor-do-rabo-branco.

A FAL faz parte da área Núcleo de conservação da Reserva da Biosfera do Cerrado (UNESCO) e tem no seu interior as Áreas Relevantes de Interesse Ecológico (ARIEs) – Capetinga/Taquara. A área destinada à preservação é de 2.340ha, à conservação 800 ha e a destinada à produção 1.200ha.

A propriedade está no rol das áreas onde são limitadas ou proibidas a implantação e o funcionamento de atividades com potencial de poluição, que afetem a água, provoquem erosão, alterem a feição da paisagem, ou que ameacem extinguir espécies raras da flora e da fauna.

Abrangendo três linhas básicas de pesquisa, que envolvem todas as áreas científicas que estudam a natureza, a Fazenda Água Limpa oferece um potencial

técnico-científico natural, possibilitando estudos climáticos, da flora e fauna silvestres, pedológicos, limnológicos e geológicos. São realizados estudos nas áreas de Zootecnia, Fitotecnia, Silvicultura e Manejo Florestal, Irrigação e Drenagem, Armazenamento, Educação Ambiental e Primatologia.<sup>19</sup>

Tem como meta a preservação das riquezas naturais do cerrado, a conservação e o desenvolvimento sustentável do ecossistema do Planalto-Central e a produção de alimentos.<sup>20</sup>

A ocupação e uso da superfície no entorno da FAL sofreu os impactos negativos com o aumento da densidade demográfica. Fruto de intensa migração, a população do entorno apresenta-se agregada vivendo em áreas resultantes da expansão urbana desordenada. Essa população exerce uma força centrípeta na área da fazenda que é assediada por caçadores, curiosos, banhistas, invasores. Há uma descaracterização da paisagem do entorno, notadamente em relação à flora nativa destruída para a construção de casas e abertura de ruas. A poluição do solo com lixo, a poluição atmosférica com a expansão do tráfego de veículos e voçorocas são sinais de depredação do ambiente natural próximo à propriedade.

Na área interna os danos causados pela ação antrópica provocam erosão e assoreamento dos córregos. Existem áreas com resquícios de retirada de cascalho, estradas feitas em solo fértil recobertas com plintita, cortes nos morros, aterros, drenagens, voçorocas, desmatamento, expansão do tráfego de veículos e conseqüente poluição atmosférica e sonora indicados como impactos negativos causados pela intervenção humana na natureza.

---

<sup>19</sup> Informação disponível em <[www.unb.br/fal](http://www.unb.br/fal)>, acesso em nov/2002

<sup>20</sup> idem

Os projetos experimentais envolvem hortaliças, frutas, plantas ornamentais e nativas, composto orgânico e húmus, além de culturas anuais com apoio da mecanização e irrigação. Há uma criação de bovinos e ovinos voltada para a pesquisa com pastagens artificiais numa área de 70ha. As atividades de produção que exigem a intervenção humana na natureza, provocaram uma aparência de degradação no espaço destinado à Agronomia.

Vários cursos da Universidade oferecem disciplinas na FAL que conta com estruturas favoráveis como salas de aula, refeitório e transporte interno diário para o Campus Universitário.

A Fazenda Água Limpa dispõe de 7 salas aula, laboratórios para pesquisa animal, equipamentos e máquinas agrícolas, restaurante com capacidade para atender 40 pessoas, lanchonete, alojamento com 60 leitos, estradas em todo o perímetro e serviços de segurança e proteção ininterrupta.

Conforme informações do Diretor da FAL um projeto de 'ecoturismo científico' vem sendo desenvolvido na área da fazenda desde o ano 2001. Destinado a atender alunos do ensino fundamental, a programação é ajustada, juntamente com o professor coordenador da excursão, para atender os objetivos educacionais da visita. Não existem, portanto, trilhas e roteiros previamente definidos para a visitação.

Está em estudo, junto ao Centro de Desenvolvimento Tecnológico – CDT, um projeto de criação de empresa visando ampliar a atividade do ecoturismo, a construção de um auditório para 100 pessoas e a criação da marca da FAL para venda produtos como bonés e camisetas.

O serviço de guiamento é executado por alunos da agronomia, veterinária ou área motivadora da excursão que são designados para a tarefa em função do objetivo dos visitantes.

O agenciamento das visitas é operado por uma ONG que em dois anos levou 40 grupos de estudantes à Fazenda Água Limpa.

De acordo com informações do administrador da fazenda não existe nenhum tipo de vínculo entre a Fazenda Água Limpa e o Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade de Brasília que quando consultado, não manifestou interesse em estabelecer parceria.

Pelo exposto, a Fazenda Água Limpa oferece as condições para a criação do espaço pretendido, tanto por suas características físicas, quanto por seu processo histórico, objetivos e vocação. As atividades que vêm sendo desenvolvidas no local por pesquisadores e estudantes das diversas áreas apontam para isso.

### **6.3 - Recomendações**

Para a efetivação de projetos de ecovilas é recomendado observar os critérios estabelecidos pela Rede Global de Ecovilas – GEN, recorrendo para isto à Rede de Ecovilas das Américas – ENA.

Com base no estudo efetuado, são apresentadas algumas sugestões para orientação ao projeto de implantação da ecovila **ECOS no Cerrado**, desdobradas em 5 finalidades, a saber:

- a) para a elaboração do projeto;
- b) para determinação dos espaços da ecovila;

- c) para compor o foco da ecovila;
- d) para o programa de treinamento;
- e) para compor as atividades de visitantes e residentes.

### **6.3.1 - Para a elaboração do projeto de criação da ECOS no Cerrado:**

- a) observar que a ecovila-laboratório deve oferecer condições para o cidadão urbano fazer seu rito de passagem no caminho de volta à natureza;
- b) buscar orientação junto à Rede de Ecovilas das Américas sobre estratégias de desenvolvimento de ecovilas e captação de recursos;
- c) considerar, ao lado da ciência, o saber tradicional, a arte e o design para criar ferramentas sustentáveis;
- d) observar que a permacultura é indicada como o caminho mais simples e direto dentre as estratégias para a criação de ecovilas;
- e) observar os princípios básicos de sustentabilidade que orientam as práticas diárias definidos pelo movimento de ecovilas;
- f) criar centros de vivências, estudos e reflexão associados a um ambiente atrativo ao ecoturismo, com *design* e técnicas alternativas;
- g) disponibilizar espaço para a livre expressão e criação;
- h) buscar treinamentos oferecidos pela ENA para orientar a elaboração do projeto;
- i) adequar o projeto para receber pessoas de todas as idades e condições físicas;
- j) recorrer à Universidade e Centro de Excelência em Turismo com vistas ao envolvimento de alunos no desenvolvimento do projeto;

- k) desenvolver programas multidisciplinares em prol dos objetivos do projeto;
- l) criar programas para a preservação e recuperação de áreas degradadas;
- m) buscar maior interação com os moradores do entorno, ampliando a base de interesses comuns na região;
- n) criar centro de pesquisa sobre sustentabilidade;
- o) considerar a Visão Sistêmica;
- p) formar grupo para impulsionar o projeto (levantamento das necessidades e possibilidades, criar regulamentos e propor alternativas).

#### **6.3.2 - Para determinação dos espaços da ECOS no Cerrado:**

- a) formar a equipe multidisciplinar envolvendo estudantes da Universidade, de áreas afins, para a adequação do projeto à sustentabilidade local;
- b) analisar as condições do terreno para adequação dos espaços às exigências de pesquisa, experimentação, sustentabilidade, educação ambiental, cooperação e prática do ecoturismo;
- c) considerar os impactos negativos potenciais das atividades de lazer sobre os recursos hídricos frágeis, evitando-as;
- d) considerar a capacidade de suporte dos recursos e os efeitos potenciais sobre o ambiente.

#### **6.3.3 - Para compor o foco da ECOS no Cerrado:**

- a) aplicar ferramentas ecológicas e sociais como: decisão por consenso, “design” ecológico e energias renováveis propiciando a experiência profissional;

- b) disponibilizar residências temporárias;
- c) divulgar modelos de vida adotados em comunidades e ecossistemas sustentáveis;
- d) eleger a interpretação do cerrado como meio eficiente de sensibilização;
- e) oferecer treinamentos de acordo com a demanda potencial;
- f) propor vivências que incentivem o interesse pela proteção ambiental;
- g) elaborar projeto de produção de alimentos com base na permacultura;
- h) programar vivências que valorizem a sensibilidade, a estética e a arte;
- i) preparar refeições envolvendo os grupos de visitantes e residentes;
- j) praticar vivências comunitárias envolvendo residentes e visitantes;

#### **6.3.4 - Para o programa de treinamentos da ECOS no Cerrado:**

- a) Permacultura (Fundamentos, Design);
- b) Bioconstrução – estuque, barro, pedra, madeira, rolos de grama, fardos de palha, cob, e outros;
- c) Tecnologias apropriadas;
- d) Ecovilas (Escolha do local, Plano Piloto e Padrões de Design);
- e) Decisão por consenso e resolução de conflitos, Facilitação, Auto-estima;
- f) Economia solidária e Economia ecológica;
- g) Educação Ambiental, Agricultura Orgânica, Ecologia Profunda;
- h) Administração, Problemas de Trabalho e Melhores Práticas;
- i) Artes Plásticas e Visuais.

**6.3.5 - Para compor as atividades da ECOS no Cerrado, programar:**

- a) oficinas e práticas educativas em prol da sustentabilidade;
- e) contato direto com as sutilezas do cerrado;
- f) atividades para despertar a consciência sobre o planeta como um sistema vivo;
- g) criar trilhas interpretativas;
- h) atividades adequadas para pessoas de todas as idades;
- i) atividades de aproximação entre a academia e as práticas alternativas, dirigidas a estudantes e profissionais;
- j) vivências – de respeito à natureza, relações sociais e autoconhecimento;
- k) vivências que integrem as dimensões sociais, ecológicas, culturais e espirituais;
- l) oportunidade para pesquisa sobre sustentabilidade;
- m) reflexões sobre os novos paradigmas;
- n) estudos multidisciplinares;
- o) atividades de educação física, arte (teatro, dança, artes plásticas e música), educação ambiental, envolvendo alunos desses cursos;
- p) momentos de contemplação e intenso contato com a terra;
- q) celebração da natureza.

Observa-se que um projeto de ecoturismo num órgão complementar da Universidade se em parceria com o Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade pode ser uma experiência rica geradora de benefícios aos órgãos envolvidos e aos futuros profissionais de turismo.



A criação de espaço para a vivência de alunos e pesquisadores de áreas de atuação profissional como ecologia, geografia, engenharia, sociologia, educação, agronomia, biologia, arquitetura, arte, turismo, economia, nutrição, engenharia, administração, direito, e outros, amplia as possibilidades de maior envolvimento da comunidade na defesa do patrimônio cultural e do Planeta.

## 7 - CONCLUSÕES

Mesmo não tendo sido possível acompanhar *in loco* o cotidiano de uma ecovila, esse estudo leva à conclusão que a experiência desse movimento é embrionária de grandes mudanças nos rumos do Planeta.

Durante o processo de levantamento de dados deparou-se com a impossibilidade de acompanhar a dinâmica das propostas de uma ecovila em função da inexistência de um desses assentamentos em funcionamento próximo ao Distrito Federal.

Esse fator, a princípio negativo para o levantamento de dados sobre o movimento, passou a ser visto como oportunidade para a implantação de um projeto de ecovilas na capital brasileira.

Tendo em vista tratar-se de experiências significativas em benefício do meio ambiente e da humanidade, depreende-se que a criação de uma ecovila educativa no âmbito do cerrado estabelece as condições favoráveis para a defesa desse bioma.

A oferta de espaço para residência temporária num lugar onde são desenvolvidas práticas alternativas e pesquisas sobre sustentabilidade, abre caminhos para maior número de pessoas experimentar novos modos de vida. De igual modo as oportunidades que se abrem para a reflexão e vivência dos novos paradigmas da sociedade pós-industrial numa ecovila. Essa experiência pode acarretar a expansão de corações e mentes incubadoras de modelos que possam multiplicar ações em defesa do tão ameaçado e desprotegido bioma do cerrado.

Verificando a adesão aos treinamentos e vivências oferecidos nas ecovilas, pôde-se depreender que as ecovilas têm grande potencial de visitação,

independentemente do foco que adotam – permacultura, espiritualidade, educação, ecologia ou outro.

Para o Distrito Federal, que apresenta vocação natural para o turismo, a **ECOS no Cerrado** pode se agregar naturalmente aos atrativos turísticos locais e tornar-se referência. Pode, também, vir a ser uma alternativa de roteiro para os turistas em trânsito por Brasília.

O indicativo de compatibilidade entre os princípios do movimento global de ecovilas e os propósitos da Fazenda Água Limpa conduziu à formalização da proposta de criar a ecovila **ECOS no CERRADO** na área da fazenda da Universidade de Brasília. A ecovila-laboratório viria corroborar os propósitos da Fazenda Água Limpa, destinada desde o início à pesquisa, experimentação, preservação do meio ambiente e que se revela vocacionada para o ecoturismo, inclusive por sua localização dentro de uma Área de Preservação Ambiental – APA.

Assim, o somatório das práticas alternativas com os trabalhos científicos que já vêm sendo realizados na Fazenda poderá ampliar os benefícios ao cerrado, favorecendo também a comunidade universitária, a população do entorno, comunidades do Distrito Federal e ecoturistas.

Esse projeto teria como público-alvo não os turistas convencionais que viajam milhares de quilômetros em busca do mar, ou turistas aventureiros que buscam cachoeiras, montanhas e cavernas. Mas seria um espaço de acolhimento aos que têm uma visão positiva quanto ao futuro da humanidade e do planeta.

A implantação da ecovila **ECOS no Cerrado** na Fazenda Água Limpa (FAL) da Universidade de Brasília se apresenta como oportuna para incrementar o

ecoturismo no Distrito Federal e dessa forma colaborar para a preservação do cerrado.

Em conclusão, vislumbra-se que a **ECOS no Cerrado**, seja o ninho para gerar os filhos de um novo tempo. Os futuros responsáveis pela condução das mudanças que se fazem necessárias. Um local capaz de unir a teoria e prática se tornará por certo, **ECOS** em resposta aos clamores do cerrado.

## BIBLIOGRAFIA

- ANSARAH, M. G. dos R. (org). Turismo segmentação de mercado. São Paulo: Futura, 1999. p. 20-23.
- BENTO FILHO, W. Brasil sai na frente com a ecoversidade. Permacultura Brasil. Pirenópolis, v. 10, p. 5, 2002.
- BRASIL. Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo. Brasília: EMBRATUR, 1994.
- BRAUN, R. Desenvolvimento ao Ponto Sustentável. Resenha disponível em: <[www.unilivre.org.br](http://www.unilivre.org.br)>, acesso em dez/2002.
- CAMPANILI. Ciência e Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.estadão.com.br>>, acesso em fev/2003.
- CARVALHO C. L. Revista de Administração, São Paulo, v.33, n.4, p. 25-29, out/dez 1998.
- CENTRO DE VIVÊNCIAS NAZARÉ PAULISTA. Ecovila: modelo de vida sustentável. Disponível em: <<http://www.nazarevivencias.com.br/ecovilas>>, acesso em dez/2002.
- DE MASI, D. O Ócio Criativo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 319p.
- DENCKER, A.de F. M. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. 3. ed. São Paulo: Futura, 1998. 286p.
- ECOSOLIDARIEDADE. Ecossistemas. Disponível em: <<http://www.ecosolidariedade.com.br>>, acesso em dez/2002
- ENA. O que é uma Ecovila?. Jornal Ecovillages. USA, Mai/2001.
- \_\_\_\_\_. Nota de Imprensa. Jornal Ecovillages. USA, 2002.
- \_\_\_\_\_. <<http://ena.ecovillage.org>>, acesso em out/2002 até fev/2003.
- FISHER, K. Desmistificando a Economia. Permacultura Brasil. Pirenópolis, v. 8, p. 12-13, 2001.
- FUSTER, L. F. Teoría y técnica del Turismo. Madrid : Editora Nacional, 1974.
- GAIA VILLAGE. Planeta consciente. Disponível em <<http://www.gaia.org.br>>, acesso em nov/2002.
- GEN. About GEN. Disponível em: <[www.gen.ecovillage.org](http://www.gen.ecovillage.org)>, acesso em out/2002.
- GREENBERG, D. Ecovilas como "Faculdade de Sustentabilidade". Jornal Ecovillages. USA, 2002.
- IPEC. Nossa Missão. Disponível em: <<http://www.permacultura.org.br>>, acesso em out/2002.
- KUAZAQUI, E. Marketing turístico e de hospitalidade. São Paulo: Makron Books, 2000. p. 39-41.
- LESTIENNE B. Johannesburg, ou "Rio + 10"- 2ª Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES). Disponível em <<http://resistir.info>>, acesso em fev/2003.
- LUTZENBERGER J. A. Gaia. Fundação Gaia, Disponível em: <<http://www.gaia.org.br>>, acesso em nov/2002.
- MOLLISON B. Introdução à permacultura. Austrália : Tagari Publication, tradução de André Luis Jaeger Soares, 1991.
- OMT. Desenvolvimento do Turismo Sustentável: Manual para Organizações Locais. EMBRATUR, 1994.

- PAL. Carta aberta para o banco mundial. Permacultura Brasil. Pirenópolis, v. 9, p.9, 2002.
- PIVELLO V. R. Cerrado. Disponível em: <[www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br)>, acesso em dez/ 2002.
- RIBEIRO, D. Carta – 14. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1995. p. 7-11.
- RUSCHMANN, D. Turismo e planejamento sustentável; a proteção do meio ambiente. 5. ed. São Paulo: Papirus, 1999. 199p.
- SHARIF, A. Nasce a rede brasileira de permacultura. Permacultura Brasil. Pirenópolis, v. 5, p. 7, 2000.
- SERRANO, C. M. T., BRUHNS, H. T. (orgs) Viagens à natureza : Turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus, 1997. 150p.
- SOARES, A. L. O que é uma Ecovila. Disponível em: <<http://www.permacultura.org.br/ipecc/>>, acesso em 2003.
- \_\_\_\_\_. A. L. O espaço e a população nas ecovilas. Permacultura Brasil. Pirenópolis, v. 6, p.16, 2001.
- \_\_\_\_\_. A. L. Bioconstruindo. Permacultura Brasil. Pirenópolis, v. 8, p.16, 2001.
- TROY. Tecnologia apropriada e ecovilas. Jornal Ecovillages. USA. 2002.
- TRIGO, L. G. G. Turismo e Qualidade : Tendências Contemporâneas. Campinas: Papirus, 1996.
- UNB. <[www.unb.br](http://www.unb.br)>, acesso em out/2002 a jan/2003.
- WEARING, S. e NEIL, J. Ecoturismo – Impactos, Potencialidades e Possibilidades. Tradução de Szlak. Barueri: Manole, 2001.
- WWF. <<http://wwf.org.br>>, acesso em fev/2003.